

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Braizinha, Joaquim, 1944-

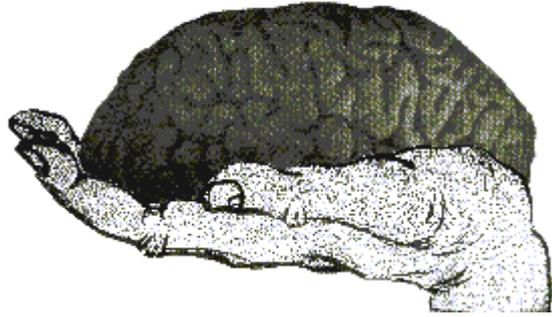
O pensamento da mão 1

<http://hdl.handle.net/11067/4815>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T20:14:26Z com informação proveniente do Repositório



O PENSAMENTO DA MÃO 1

JOAQUIM BRAZINHA ()*

O esquisso, tido como a operação que emerge da necessidade de fixar as primeiras ideias que ocorrem no acto projectual, e que tendem a manifestar-se através de sinais traçados sobre uma folha de papel.

Consideramos que a reflexão sobre esse acto primordial raramente abordado nos textos disciplinares, fundamental.

Ao longo de uma experiência docente de vinte e dois anos no ensino da disciplina de Projecto no último ano do curso, tenho vindo a observar que muitas confusões e malentendidos em matéria projectual são consequência do facto de não estarem suficientemente esclarecidos os primeiros passos do trabalho projectual.

Nada mais doloroso, mais angustiante, do que um pensamento que se escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem mal são esboçadas, já corroidas pelo esquecimento ou avançando para outras, sobre as quais não temos maior domínio.

Perdemos continuamente as nossas ideias, ou pior, a vertigem emotiva com que emergem ideias várias sobre o mesmo problema, gera no nosso processo mental uma espécie de caos.

Esse caos define-se não tanto pela sua desordem, mas pela velocidade infinita com que se dissipa toda a "forma" que nele se esboça. É um vazio contendo todas as hipóteses e adquirindo todas as formas possíveis que surgem para de imediato desaparecerem sem consistência nem referência e sem consequência. É uma velocidade infinita de nascimento e de desvanecimento.²

Este permanente aflorar de novas ordens de dificuldade não controláveis senão mentalmente, esta fase crítica do trabalho projectual requer a intervenção da mão, ou melhor do desenho como referência capaz de actualizar o virtual produzido pelo

pensamento e que se traduz em diagramas ou esquemas que se movem tão rapidamente como o pensamento.

Ao trabalho de ideação deve ajustar-se uma prática representativa que possa conter combinações de soluções e de oportunidades compositivas.

Trata-se de acrescentar uma prática artesanal a um processo racional oferecendo-lhe através do esquematismo a componente intuitiva.

Entre todos os aspectos artesanais do nosso produzir arquitectura, emerge portanto a questão que reivindica continuamente uma ambígua centralidade: o desenho.

O esquisso, um modo de nos aproximarmos da arquitectura. Não é nem se pretende que seja uma comunicação explícita, mas sim uma "forma" abstracta, densa e sintética, um esquema ou um diagrama de passagem entre a ideação e a primeira figuração, um modo de racionar sobre a arquitectura que não é reprodutível senão através dos mecanismos do desenho. O esquisso, uma ponte entre o mundo abstracto do imaginário e a concreta explicitação material através da síntese gráfica.³ É o momento de combinação entre a intenção pragmática e a poética, entre a capacidade de fazer e o desejo de dizer.⁴

Se tentarmos descrever este momento do trabalho ideativo, podemos dizer que é no esquisso que se fixa através do trabalho da mão, um vasto adensar de desejos, recordações, conhecimentos, pequenas certezas e profundas dúvidas e todo o tumultuar de oportunidades compositivas que emergem da combinação indefinida, de distintos cenários. Trata-se também de dar forma a exigências de carácter prático, mecânico, económico, estrutural, organizativo, objectivas ou não, passando de níveis científicos consolidados a outros absolutamente arbitrários. A composição ou o acto de compor é sustentado pela organização hierarquizada destas tensões heterogéneas.

O esquisso aparece assim como suporte de meditação ou imagem instrumento ou psicograma, e as suas representações figurativas equivalem a projecções de conteúdos mentais de que a pouco e pouco se vai conhecendo a origem ou proveniência.

É através dos meios iconográficos e por intermédio da imagem instrumento, que o pensamento daquele que medita, convida a encontrar o, ou os caminhos. É portanto, um instrumento de natureza analógica e simbólica, destinado a reter o que por natureza é intraduzível, como por exemplo, um traçado geométrico procurando fixar uma memória que não adere ao discurso. O esquisso vai cristalizando a metamorfose do pensamento, objectivando em formas o que ainda não tem forma e o que está para além da forma proporcionando ao mesmo tempo naqueles que o contemplam, meditando, alternativas compositivas.⁵ Em suma o esquisso trata de tornar objectivo e comunicável, um processo mental mais ou menos subjectivo consoante os recursos de quem esquisso. Piaget chamava-lhe esquema sensoriomotor.⁶

O homem, capaz de, por força da sua “méchanê” (poder fabricado artístico) dar origem, produzir existentes, que imaginou, concebeu e realizou e nos quais está guardada uma exemplaridade, que os faz casos inéditos de uma regra não enunciável: a obra de arte.⁷

Através da paciente e obsessiva repetição dos elementos pertinentes no esquisso vai-se adquirindo um nível superior de consciência.

Para muitos esta obsessiva procura, a esperança de uma revelação como afirmação de uma verdade que se atinge graças a uma humilde tenacidade de interacção mortificante.

Arquitectura é, arché + tecton, isto é, “construir” com princípios formalizadores.

Essa procura mortificante é justamente a do princípio formalizador. Não há revelação sem o sacrifício que se expressa:

- Na demanda da finalidade interna através do processo de representação
- No desvelar da imagem originária (Urbild), a Forma Matriz, elemento dominante do princípio superior de orientação ⁸
- No reconhecimento do essencial em detrimento do circunstancial, porque o essencial não se constroi, ao essencial dá-se forma. É o construtivismo da razão integrado no seu lugar de origem ⁹

-
- No génio de unir o ideal com o vulgar 10
 - Na domesticação do caos, isto é, a transformação da ordem de factores dispersos com capacidade generativa 11
 - Na apreensão dos tipos que assegura o poder de nomear e estabelecer modelos, concedido pela operação de desmaterialização levada a cabo pela imaginação
 - Na concepção da figura que concede o poder metafísico que provém de uma compreensão da génese, matriz originária, visão da unidade entre o todo e as partes
 - No esforço de conceptualização que torna viável a tarefa de “salvação” dos fenómenos da dissipação e da dispersão, metamorfoseando-os em elementos operativos com força formativa
 - Na descoberta da estrutura e dos termos genético - intuitivos como leis de formação, agregação e de transformação de tudo aquilo que aparece 12

O esforço de revelação ou arché, o imperecível convertido em acontecimento. Se não há arché então resta apenas a tectónica a informar o acaso na exibição da forma, e não há arquitectura; há só construção.

Só o desenho, através dos mecanismos da geometrização das figuras permite construir os esquemas ou diagramas ou traçados que suportam esta inquietante mobilidade de síntese contínua entre a indução e a dedução 13 e introduz o abrandamento no processo mental que permite que a matéria se actualize e que o pensamento se discipline. 14

O esquisso é um exercício de paciência e a resolução sincrónica de problemas diferentes por natureza e qualidade. Não se trata de procedimentos lógicos lineares do geral ao particular, é uma figuração grotesca do que serão os destinos concretos do projecto. É o momento de maior vulnerabilidade no nosso trabalho autográfico e não ainda alográfico. 15

Este esforço que intercorre, antes do projecto e depois da teoria, este universo suspenso entre a intuição conceptual e o automatismo inconsciente da mão garantido pelo desenho, é o esquisso que entendemos designar por Pensamento da Mão

em homenagem ao Giancarlo Carnevale que em tempo escreveu sobre o mesmo tema e com esta designação.

Escrito no Alto de Santo Amaro, o paraíso que eu esquissei, no mês dos cravos, do ano da graça de 1998.

(*)Professor Doutor, Director do Dept. de Arquitectura de Lisboa da Univ. Lusíada

NOTAS:

- 1 Carnevale, Giancarlo - Pensiero della Mano in "Op Cit", nº80, Ed. "il centro"
- 2 Deleuze, Gilles - O que , a Filosofia?, Ed. Presença
- 3 obra citada em (1)
- 4 Muntañola, Josep - Poética y Arquitectura, Ed. Anagrama
- 5 Dissertação para Doutoramento do autor - Projecto Clássico em Arquitectura
- 6 Piaget, Jean - Six Études de Psychologie, Ed. Gonthier
- 7 Novalis citado em O Pensamento Morfológico de Ghoete - Molder, Maria Filomena, Ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda
- 8 Molder, Maria Filomena - Obra citada em (7)
- 9 Durand, Gilbert - As Estruturas Antropológicas do Imaginário - Ed. Presença
- 10 Obra citada em (8)
- 11 Fusco, R. de - Uma teoria ermeneutica del progetto, Domus 79
- 12 Obra citada em (9)
- 13 Carrilho, Manuel Maria - Itinerários da Racionalidade, Ed. D. Quixote
- 14 Obra citada em (2)
- 15 Scolari, Massimo - La questione del disegno, Cosabella, 486

Ilustração: Revista de Design Azimuts Dare to Design/Design de Revê AZIMUTS, Centre de Recherche Design, Beaux-Arts de Saint-Etienne